

A QUEDA DO FIM DO MUNDO

Diego Vicentin¹ - Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O breve ensaio que segue foi primeiramente pensado como uma fala provocada pela questão: “medo coletivo e possibilidades de futuro: há como superar o fim do mundo?” - título de uma mesa redonda realizada no sétimo Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (EDICC 7). Sem oferecer uma resposta, o texto problematiza brevemente a questão a partir de um sentimento difuso de “fim de festa” em que mesmo as perspectivas mais otimistas e propositivas estão convencidas de que temos pela frente um árduo caminho de luta e de reconstrução das relações dos humanos entre si e com o ambiente. Embora o sentimento de saturação, de fim de mundo, seja marca de nossos dias, não podemos dizer que ele é novo ou inédito. Parte dos problemas que estamos vivendo foram pressentidos e descritos pelo pensamento social e pelas artes. Uma maneira de traduzir tal sentimento se dá pela metáfora da queda. Estamos todos em queda livre, sendo atraídos por uma força irresistível que faz com que saibamos de antemão qual é nosso destino, nos resta apenas adiá-lo.

Palavras-chave: Antropoceno. Futuro. Medo.

Abstract:

The short essay that follows was first conceived as a speech provoked by the question: "collective fear and possibilities for the future: is there a way to overcome the end of the world?" - title of a round table held at the seventh Science and Culture Dissemination Meeting (EDICC7). Without offering a direct answer, the text briefly problematizes the question departing from the diffuse feeling that "the party is over" in which even the most optimistic and propositional perspectives are convinced that we have an arduous path of struggle to reconstruct healthy relations with the environment and among ourselves. Although the feeling that we are at the very end of the world is a constitutive mark of our days, we cannot say that it is new or unprecedented. The problems we are currently facing were anticipated and described by social thought and the arts. One frequent way of translating that feeling is through the metaphor of the fall. We are all in free fall, being attracted by an irresistible force that makes us know in advance what our destiny is, the only thing we can do is to postpone it.

Keywords: Anthropocene. Future. Fear.

A questão colocada pela mesa diz respeito ao medo quanto àquilo que se coloca no horizonte no curto e no médio prazo. Tenho a sensação de que ela sugere que o fim do mundo foi antecipado de um futuro distante para o presente. O fim do mundo é uma bola que está sendo cantada há tempos, e temos a sensação de que finalmente chegou e, pior, vai demorar a passar. É no mínimo curioso que mesmo os grupos que estão formulando propostas concretas para superar o fim do mundo ou simplesmente adiá-lo (dentro da concepção de que “outro fim de mundo é possível”) como os defensores do *Green New Deal*, nos Estados Unidos, parecem

¹ Professor Doutor da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP e do Programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor/IEL/UNICAMP.

concordar que, antes que nossa situação possa começar a melhorar substancialmente ela ainda vai piorar um bocado.²

A pressuposição é a de que as mudanças climáticas resultantes daquilo que chamamos de Antropoceno vão precisar ter efeitos ainda mais severos e devastadores para que alterações significativas aconteçam tanto para mitigar seus efeitos quanto para combater suas causas. A essa altura, as mudanças climáticas já são um processo irreversível e a questão é a de como vamos conviver com ele e desacelerá-lo. A sensação compartilhada por aqueles que não aderem ao negacionismo é a de que novas catástrofes climáticas e ambientais vão continuar a acontecer no futuro próximo, como a pandemia do novo coronavírus (ou Sars-cov-2), como as queimadas na Amazônia e no Pantanal, como a produção de desterramento e morte de populações tradicionais e indígenas e do agravamento do racismo estrutural, da misoginia, do trabalho precário e da retirada constante de direitos políticos e sociais que está vinculada à política de morte colocada em prática há tempos pelo neoliberalismo econômico e, mais recentemente, pela ascensão ao poder de um populismo teocrático de direita que advoga pela eliminação da alteridade, eliminação daqueles que são Outros.

A alteridade é um dos problemas há muito tratados nas Ciências Humanas e Sociais (na Antropologia de maneira mais específica) por sua importância política, sua importância na construção de um mundo comum. Novamente, a alteridade é um problema político relativo ao encontro e frequentemente ao choque entre mundos, entre diferentes cosmovisões e ontologias. Esse choque entre mundos de algum modo coloca um problema para a questão que está no título da mesa (“há como superar o fim do mundo?”) porque sugere a existência de um mundo único, de uma universalidade que só existe quando é construída.

Me parece que, se há algo que recentemente atingiu uma certa universalidade é justamente aquele sentimento de fim de festa. Estamos diante do fim da promessa de inclusão política, econômica e social das massas e das minorias. Vivemos o esgotamento do modelo capitalista-financeiro de desenvolvimento econômico e de relação com o ambiente, o esgarçamento das relações sociais, a falta de confiança e de solidariedade, confusão mental e frustração. Mas esses sentimentos não são novos, podemos dizer que se espalham, no Brasil, há quase uma década. No mundo, me arrisco a dizer que eles vêm ganhando força ao menos desde o “derretimento dos mercados” na crise de 2008. Uma crise que foi apontada como o início do

² Nesse sentido, recomendo o segundo vídeo da série “A message from the future” produzida numa parceria entre o canal de notícias The Intercept e uma das organizações da sociedade civil, The Leap, que assumiu a defesa de um novo acordo para o desenvolvimento sustentável que vem sendo chamado de *Green New Deal*. CF. <<https://www.youtube.com/watch?v=2m8YACFJIMg>> Acesso em: 29/01/2021.

fim do neoliberalismo econômico como doutrina dominante. O início do fim da globalização pensada como integração dos países por meio do livre mercado. É possível dizer que isso vem de fato acontecendo, basta observar os capítulos recentes do conflito geopolítico entre Estados Unidos e China envolvendo toda a indústria de Tecnologias de Informação e Comunicação.

É ainda possível retroceder ainda mais quando olhamos para o problema do descrédito que se abateu sobre as Ciências e instituições científicas, algo que dá força à enxurrada de desinformação, *fake news* e teorias conspiratórias que povoam nosso pensamento hoje. Recentemente um artigo do Bruno Latour (2020), publicado originalmente em 2004, foi traduzido para o português brasileiro justamente por sua atualidade. Ele consegue descrever com muita precisão os dilemas que estamos vivendo hoje quanto ao negacionismo climático e à profusão de teorias conspiratórias que se apoiam numa espécie de hiper simplificação de argumentos elaborados dentro do bojo dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT). Uma das perguntas que ele se coloca é: será que fomos nós, cientistas sociais, que ao abrir a caixa preta da objetividade científica deixamos sair o demônio de um relativismo rasteiro que serve de fundamento para teorias conspiratórias absurdas? Numa breve e certa introdução ao texto de Latour, as tradutoras e tradutores se referem ao fato de que ainda que todos nós, cientistas sociais, vimos frequentemente condenando os negacionistas, continuamos hesitando em dizer com todas as palavras que o aquecimento global é um fato objetivo “quer você queira ou não”.

A resposta dada por Latour (2020), no texto, como uma espécie de autodefesa do campo de pesquisas que ele ajudou a fundar, foi a de afirmar que os Estudos Sociais da Ciência não deveriam retirar, mas acrescentar realidade às Ciências. Ao descrever a feitura social e política dos fatos científicos, ele pretendia acrescentar planos de realidade ao fato científico, não retirar. De todo modo, me parece que a possível culpa ou responsabilidade dos ESCT no atual estágio de desinformação e propagação de teorias conspiratórias é mesmo bastante limitada. O agravamento do quadro observado por Latour ainda no início dos anos 2000 está mais ligado ao modelo de negócio das grandes plataformas de tecnologia, que é baseado na produção de “engajamento”, ou seja, na captura de tempo, capacidade cognitiva e dos afetos dos usuários de internet. Esse modelo de negócios está se demonstrando bastante eficaz em impulsionar teorias conspiratórias e radicalismos de direita (Ribeiro *et al.*, 2020).

O filósofo Vladimir Safatle (2020) tem frequentemente afirmado que a propagação de teorias conspiratórias e *fake news* é uma forma de revolta social, que traz consigo a satisfação de não reconhecer autoridades estabelecidas como, por exemplo, autoridades científicas. Por

isso, as pessoas que aderem e propagam *fake news* e teorias conspiratórias não podem ser vistas como ineptas e ignorantes. Há uma certa racionalidade, um sentimento libertador, que advém do prazer de recusar o discurso da autoridade médica, por exemplo, que diz que temos que usar máscara, ou de se recusar a acreditar na eficácia da vacina, na mortalidade associada à Covid-19.

Podemos supor que essa revolta é também movida pelo medo de olhar pra baixo e ver que estamos todos caindo. Uma recusa de encarar o fim do mundo como conhecemos ou de encarar a eliminação de uma multiplicidade de mundos que não conhecemos, ou sobre os quais conhecemos muito pouco.

O fim do mundo como queda aparece no livro de Ailton Krenak, recentemente lançado, “Ideias para adiar o fim do mundo” (2020). O livro é um sucesso editorial, muito provavelmente pela promessa que está em seu título, o que é sintomático dos dias que vivemos. É genial que o livro comece com Krenak contando que o título foi inventado por ele de maneira displicente, quando estava concentrado em outra coisa, cuidando do seu jardim, e foi provocado por outra pessoa, que estava ao telefone e lhe cobrava um título para uma palestra que estava agendada. O livro, que é resultado dessa fala na Universidade de Brasília (UnB) e de outras (em Lisboa, Portugal), não é exatamente uma sistematização de ideias ou de ações que vão nos permitir adiar o fim do mundo, ou superá-lo, mas ele coloca questões importantes.

Uma delas, eu já mencionei diretamente aqui, está relacionada com o rompimento com uma concepção única e abstrata de humanidade que passa como um trator sobre aquilo que é considerado como não-humano, ou como recurso natural. Isso inclui, claro, rios, florestas e montanhas. Essa é uma ideia ou uma provocação que eu compreendo bem, ou minimamente bem, porque coloca em xeque aquilo que chamamos de progresso, desenvolvimento, crescimento econômico, e que é, na verdade, a implementação de uma política de morte.

Mas tem uma outra ideia do livro na direção de adiar o fim do mundo que me foge à compreensão, que é um tanto enigmática e que me deixa inquieto: a ideia de inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos. Ele, Krenak, se surpreende com o nosso medo e com a nossa surpresa ao encarar a queda, ao encarar o fim do mundo como conhecemos. Diz que não fizemos outra coisa nos últimos tempos (senão nas últimas eras) que não fosse cair, despencar. E propõe então que a gente deixe de pensar no espaço como lugar de confinamento, mas passe a pensar no espaço “como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos” (KRENAK, 2020, p.30). Para adiar o fim do mundo, então, ou superá-lo: “Não devemos eliminar a queda,

mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos” (KRENAK, 2020, p.63).

Referências

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOURE, B. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 29, n. 46, p. 173-204, July 2020. ISSN 0104-6675. DOI: <<https://doi.org/10.32334/oqnf.2020n46a748>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

RIBEIRO, M. H., OTTONI, R., WEST, R., ALMEIDA, V. A. F., MEIRA, W. Auditing radicalization pathways on YouTube. In. *Proceedings of the 2020 Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAT* '20)*. Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, 131–141. 2020. DOI: <<https://doi.org/10.1145/3351095.3372879>> Acesso em: 29 jan. 2021.

SAFATLE, V. Fake News não é ignorância, mas uma forma de revolta social. *Huff Post Brasil*. 7 out. 2020. Disponível em: <<https://covid.sh.utfpr.edu.br/noticias/fake-news-e-fato/fake-news-nao-e-ignorancia-mas-uma-forma-de-revolta-social-diz-safatle/>> Acesso em: 29 jan. 2021.